

A Bicicletada - Parte I

Ernesto Rusche Junior

"Santos, lá vamos nós..."

Assim começava o texto publicado no Fósforo em maio de 1978. Neste relato, tomarei a liberdade de transcrever alguns trechos escritos pelo Beck (uma vez que descrevem com maestria os momentos vividos durante aquela excursão).

A rodovia Rio—Santos havia sido asfaltada recentemente. Já imaginaram local mais convidativo para uma viagem de bike? Praias desertas, enseadas paradisíacas, nenhum trânsito... Infelizmente, só marmanjos se inscreveram.

Reunimo-nos no saguão da estação da Luz, em São Paulo. Lá estavam Edmar, eu, Juaum Alievi e Sérgio Beck. Este último, trajando bermuda e camisa cáqui, estilo escoteiro; mais parecia um batedor do Afrika Korps, do general Rommel, com boné e viseira protetora para os olhos. Pouco depois chegou o Juaum, bem mais despojado, com camiseta regata, óculos escuros, cabelo comprido e jeitão assim de playboy. Edmar era o que estava em melhor forma física. Enquanto esperávamos a hora de embarcar no trem ele ficava pedalando pela estação e se equilibrando de forma circense sobre a bicicleta. Os três dispunham da Caloi 10, que era o máximo na época; um verdadeiro *must*. De minha parte, achei que uma caloi simples, com câmbio de 5 marchas adaptado seria o suficiente para dar conta do recado. Há, Há, Há...

"As razões que nos levaram a percorrer estas praias da maneira mais difícil e cansativa são as mesmas de qualquer outro excursionista — porque elas estavam lá — e pedalar do Rio até Santos era um velho sonho para alguns de nós, e também em parte, um desafio; quem se importa?"

Acomodamos as bicicletas no trem por volta das 21 horas. Às 08:30 da manhã, após tomar um pingado na estação D. Pedro II, no centro do Rio, saímos pedalando no meio do trânsito em direção à orla marítima.

"Já na saída do Rio, os primeiros reparos nas bicicletas e as amostras iniciais da boa vida excursionista que nos esperava: um lanchinho no Bob's Ipanema, um chopinho gelado na Barra da Tijuca, uns refrigerantes no Recreio dos Bandeirantes. Depois, subidas e descidas pela estrada que margeia o costão com aquele mar azul e eterno, e as montanhas cariocas às nossas costas — o perfil da pedra da Gávea cada vez menor. E ao sol morno do entardecer, pedalamos cada vez mais entusiasmados pelas estradas sinuosas até Sepetiba, onde chegamos com noite fechada. Um comercial para cada um num bar decrépito — arroz, feijão,

peixe, salada e a tônica das nossas refeições: cerveja! Manjar dos deuses. E em seguida uma noite infernal, dormindo debaixo de um sobreteto de barraca, na praia e ao lado da avenida, enquanto ÔNIBUS E MOTOCICLETAS em alta velocidade embalavam nossos sonhos".

Ao final deste primeiro dia, percebi que a Caloi 10 dos demais revelou-se como uma opção infinitamente melhor. Sempre ficava para trás com a minha caloizinha...

"Logo pela manhã, miseravelmente dormidos, voltamos a sentar nos selins. Ai! Um café da manhã numa padaria e pronto. Duas horas depois, atravessando Santa Cruz, atingimos enfim a Rio—Santos. No km 10, o único pneu furado da bicicletada, que tentamos remendar sem sucesso. Felizmente, peças e câmaras sobressalentes não nos faltavam. Mais refrigerantes. Curvas e retas se sucedem monotonamente sob um céu sem nuvens, enquanto cenas de Lawrence da Arábia atravessando a Bigorna do Sol, a camelo, nos vêm à mente. Num riozinho repleto de macumbas paramos para um banho. O que tem de terreiro atrás das primeiras árvores é coisa de louco! Fico cuidando das bicicletas, junto a uns botecos. Lugarzinho sórdido. Ernesto e Edmar aproveitam para comer algumas linguças nadando num prato de óleo. Juaum, desinteressado, compra algumas bananas na tenda da dona do terreiro. Eu não consigo comer nada. O lugar me espanta..."

E por falar em espanto, enquanto eu mergulhava de cabeça numa bica, para afogar com mil mortes a minha sede, uma mãe de santo que estava ao lado, comentou com o pai também de santo que estava próximo:

— Oiê, este é filho de Ogum !

— É mesmo mãe ? perguntou incrédulo — É, esse é !

Voltei para a minha bike e recomeçamos. Enquanto pedalava, ia pensando no significado daquelas palavras. Se isso fosse algum tipo de proteção "extra", ótimo. Nesta vida excursionista, qualquer ajuda extra é sempre bem-vinda.

A Bicicletada — Parte II

Ernesto Rusche Junior

Um pouco mais adiante nosso primeiro encontro com a polícia rodoviária, que avisada da nossa vinda, foi muito cordial conosco e nos prestou informações e dicas sobre o itinerário à frente. Conceição do Jacareí aparece adiante ao por do sol. É uma praia livre para camping mas hoje é sábado, e de barracas está assim ó ... !Ali dormimos, depois de um excelente jantar(comercial), única refeição decente do dia. Pela madrugada somos sacudidos pelo " samba" de dezenas de farofeiros, chegando de ônibus do Rio. Sua "música", sem harmonia, só ritmo, além de sacal, não nos deixa dormir. De manhã levantamos acampamento, e abandonando a fauna local, somos consolados com os primeiros trechos de pedalada: longuíssimas e extenuantíssimas subidas, sempre curtindo o bum-tique-bum doido dos farofeiros ao longe, e é claro deliciosas descidas na banguela, sem fazer força, em que atingíamos pelo menos 70 km/h. Era a agonia e o êxtase.

E assim vamos alcançar um bar na entrada de Angra dos Reis, com um bêbado que não parava de pedir desculpas. Tomamos uns refrigerantes enquanto o sol arrefecia. Nem nos passou pela cabeça descer à cidade, para depois subir a estrada empurrando as bicicletas...

A tarde se alonga em retões planos, pedalada tranquila. Perto de Mambucaba somos alcançados (não é tão fácil como se pensa nos ultrapassar) por um carrinho que buzina insistentemente. E é assim que Fábio, Paulo Rogério e Lena acabam nos convidando para um jantar na casa do Fábio e uma noite muito bem dormida na casa do Fábio, em Mambucaba.

O jantar é odisséico: começamos atacando o bolo de aniversário do Fábio. Uma fome quase crônica nos domina, estamos tão esgotados que de início quase não conseguimos levar a comida à boca. Depois do bolo porém e das garfadas iniciais, começamos a nos sentir melhor e quilos de empadinhas, coxinhas, sanduíches, arroz, feijão e bife vão desaparecendo da mesa, tocados pelos nossos garfos mágicos. Não contentes com isso, no meio da noite ainda fomos visitar a geladeira para ver se sobrou algo. Colchões macios e uma chuvinha miúda fazem desta a primeira noite realmente repousante.

De manhã, porém, a estrada está seca e após um farto café sentimos que a excursão está salva, graças à geladeira do Fábio .

Uma chuva nos pega a 5 km de Parati, onde paramos para tomar uns sorvetes (doze ao todo) e almoçar. Depois, um telefonema do Juaum para a namorada em

São Paulo, e pelo fim da tarde, ultrapassamos a divisa de estados Rio—SP. Quase derrubamos a placa indicativa da divisa, tamanha foi a farra ao tirar fotos comprobatórias da nossa proeza. Ao anoitecer, vamos dormir em Picinguaba, praia tranquila de pescadores. Dormimos dentro de um daqueles abrigos para canoas.

Na manhã seguinte, somos obrigados a empurrar as magrelas numa estrada enlameada até a rodovia. A excursão começa a ficar a ficar agradável; depois de dias pedalando firme, já não

nos preocupamos tanto em cobrir nossos 80 km diários, nem em "competir" uns com os outros. Relaxamos. A velocidade ideal passa a ser aquela da paisagem a desfilarmos debaixo do Sol morno e generoso. As ilhas do Prumirim e Rapada enchem nossos olhos, espiando do mar azul enquanto nossas bikes escorregam ladeira abaixo. Num certo riacho, ficamos por mais de uma hora mergulhando e experimentando suas cachoeiras, seu tobogã, seu laguinho, na companhia indiferente de alguns surfistas e cocotinhas vindos de Ubatuba. De carro, é claro.

Almoçamos em Ubatuba.

À medida que nos aproximamos de São Paulo, a estrada volta a ficar movimentada, os locais cheios de gente, a intimidade com a paisagem ao redor se perde...

Nossa última noite é num camping quase vazio, na praia da Lagoinha. Um fogo na areia, o único da excursão, um lanche noturno e no dia seguinte pela manhã, no meio de uma lata de 2kg de sorvete de morango, próximo a Caraguatatuba, choramos o fim de uma das excursões mais gostosas, mais cansativas e mais lembradas que fizemos.

Pera aí, não faltou alguma coisa? E aquele grito de guerra "Santos lá vamos nós..."? Bem, para chegar até Santos, seria preciso seguir até São Sebastião e depois encarar uma péssima estrada de terra até Bertioga. As Calois 10 não eram propriamente veículos 4x4 e o time já estava saciado de pedalar. A solução foi seguir até o trevo de Caraguá e pedir carona num caminhão baú de mudanças, cheio de colchões no piso. Uma vez instalados na classe vip, foi só deitar e relaxar... até São Paulo.